

POETAS DO POVO

JOSÉ ALCIDES PINTO

Um trabalho, dessa natureza, merecia uma introdução mais substancial, mas o autor desta exposição não é de forma alguma um homem dado à pesquisa popular. É um homem que aprecia e dá seu integral apoio a esta manifestação literária, por achá-la, de certa forma, influente na formação de nossa cultura.

Sua intenção, aqui, é a de apontar alguns tipos característicos de nossa lira popular, principalmente os de uma cidade do norte do Estado — Massapê — onde o autor viveu por alguns tempos e aí conheceu poetas e oradores, homens de talento e sensibilidade, e que não poderiam ficar no ostracismo, mergulhados na indiferença de seus próprios patricios, pois seria uma injustiça não trazê-los ao conhecimento do público — injustiça essa a que o autor destas linhas não se permitiria, não bastassem as lacunas e a pobreza de expressão que o trabalho em questão oferece.

Iniciaremos o presente estudo pela análise do livro de Osvaldo de Aguiar — figura central de nossa cultura, dedicado às letras e às artes, à literatura popular e ao jornalismo, ao folclore e à própria história — um homem de muitas facetas, muitos aspectos, e que só enriquecem a história da literatura cearense.

Os que se seguem — Francisco Cavalcanti Rocha, Francisco Lira Cavalcanti (Chico Lira) e Custódio Pontes — são três autores bem diferentes entre si, de personalidades marcantes e criadores de um tipo de poesia peculiar, principalmente os dois últimos, dados às composições jesceninas, ao contrário de Francisco Cavalcanti Rocha que era um artista, um esteta do verso, como Antônio Tomás ou Olavo Bilac.

OSVALDO DE AGUIAR

Osvaldo de Aguiar publicou um livro muito interessante, em 1969, pela Imprensa Universitária da U. F. C., pouco tempo antes de sua morte, intitulado *Massapê em Foco*. Osvaldo ocupou muitos cargos importantes em sua vida, mas nenhum deles foi mais importante do que a publicação de seus livros, sobre os mais variados assuntos — fruto de sua destinação — o de um prosador de primeira mão, narrador de alta sensibilidade. Osvaldo era dessas figuras afeitas à cultura oral, daí o gosto pela literatura popular, as expressões clássicas. Possuidor de um estilo escorreito, as orações e os predicados em seus lugares determinados. Embora seja avesso ao puritanismo gramatical, estou com o maranhense Ferreira Gullar quando diz que a crase não foi feita para humilhar ninguém. E ninguém vai para o inferno porque escreve certo ou possui boa caligrafia, senão o Dr. Deusdedit Vasconcelos, seu conterrâneo, já estaria no inferno, pois quando passa uma receita até parece um calígrafo, um daqueles famosos artistas da Idade Média.

Osvaldo fazia questão de ser um poeta, um pária, um homem perdido no labirinto da multidão. Era a condição humana (igualdade social) que lhe interessava e fazia deste homem simples e manso um poeta e uma figura humana exemplar. Alto, magro, inquieto, mas ponderável em tudo, não podia ser outra coisa senão um receptor de imagens, um fixador de tipos e caracteres, um perquiridor da alma humana. Mas não é disso que desejo falar. Se me sobrasse tempo, ou melhor, se não fosse tão indolente (e aqui lembro o genial Rabrindanath Tagore — “Não perturbem a paz de meu ócio”), escreveria um estudo mais detalhado a respeito da personalidade deste homem raro.

Massapê em Foco foi o resultado de uma pesquisa consciente e profícua, como é fácil de se observar pela sistemática do trabalho, o cuidado de aferição dos elementos históricos, a fim de que o livro não fosse apenas um relato frio de fatos e situações supérfluos. Naturalmente que num trabalho dessa natureza as coisas se complicam,

as lacunas aparecem, as pulgas saltam do cós, comicham nas orelhas, e a gente não sabe ficar calado, e diz que o autor cochilou no ponto, omitindo fulano e sicrano, como se, em verdade, autor algum, que apresente trabalho dessa natureza pudesse se vangloriar de fazê-lo sem os lapsos inevitáveis. Nada disso, a pesquisa por mais rigorosa que seja, por mais autêntica, sempre deixa algo a desejar. Mas o livro, do qual nos ocupamos, não podia ser de outra forma. O autor usou da melhor maneira possível o material que lhe caiu às mãos. E soube moldá-lo como bom artista, naquela linguagem chistosa que lhe era peculiar, entre o picaresco e o anedótico, a sátira e a pimenta de seu espírito irreversível ao comodismo e ao convencional.

Oswaldo de Aguiar, não obstante sua preocupação pela fidelidade dos fatos, deixou passar em branco um dos logradouros mais populares de sua municipalidade — a famosa Rua das Madalenas (quem ousa atirar a primeira pedra?) — zona de mulheres livres. Por que não considerar como algo de singular importância a rua das mulheres? Para lá convergiam os filhos-de-família (e por que não dizer também os pais e as autoridades do lugar): o médico, o dentista, o prefeito, o delegado, os caixeiros-viajantes, enfim os homens da municipalidade... A Rua das Madalenas foi o ponto de atração de toda a Massapê. Devo muito de minha inspiração poética àquela rua: o Chagas Isabel tocando sua sanfona, acompanhado de outros instrumentos: o pandeiro, o reco-reco, o cavaquinho e muita cachaca. Poeira, muita poeira do chão batido, arrancada pelos quinais dos padeiros da Rua Grande e dos ferreiros do Alto-do-Bode. Ah, Oswaldo, havia tantas coisas ainda a recordar!...

Mas basta refletir um pouco, e tudo se esclarece. Um dia alguém chega e toma as dores dos outros e diz tudo. E é o que estou fazendo agora. O pecado ainda é a melhor virtude que Deus reservou para seus filhos. Então, para que fez ele o mundo? Deixemos de filosofia, que depois de Farias Brito e Quintino Cunha (ficando aqui na terra de Alencar e Juvenal), filósofo mesmo era o Chico Lira (Francisco Lira Cavalcanti); outra figura estranha de Massapê, que um dia Alci Carneiro, companheiro de boemia do Lira, descobriu, às 5 da manhã, nu, trepado no olho do tamarindeiro da Praça Santa Úrsula, em frente à casa do vigário, falando a toda garganta, ensaiando um discurso de recepção para um político da terra.

O Lira passou de raspão como outros poetas importantes pelas páginas de *Massapê em Foco*. Mas tal se justifica. A edição de um livro não se faz com dois cruzados. A mão-de-obra é pesada como a mão do diabo. Um livro, como este, do maior interesse público, cabia ao Governo do Estado, ao prefeito do Município, às autoridades, enfim, custear-lhe a edição. O autor teve que esterilizar, contra sua

própria vontade, muitas sementes fecundas; cortar raízes que ansiavam por expandir-se no solo humoso de suas idéias. Contudo, e apesar de tudo, o livro veio à luz deste mundo num parto feliz.

Faz, Osvaldo de Aguiar, um levantamento das famílias primevas de sua municipalidade — referenciando os aspectos históricos, antropológicos, as famílias povoadoras, o desenvolvimento econômico da região — surto do progresso (?). Metade de Massapê desmoro-nou-se com a morte do coronel João Pontes, essa é que é a verdade, doa a quem doer; os aspectos físicos, administrativos, políticos, urbanos, demográficos, eclesiásticos, judiciários, econômicos, educacionais, culturais e folclóricos. Nos aspectos curiosos (por sinal curiosíssimos) é que devia figurar a Rua das Madalenas e seu séquito de rainhas devassas...

Onde Osvaldo de Aguiar foi arrancar tantos acontecimentos soterrados no limo do tempo? Os vigários, então os vigários (vigários até piratas e malditos) receberam um tratamento todo especial. Aqui aparece um sacerdote tido como “falecido”, mas que na realidade foi assassinado, e outro que desonrou uma donzela, figurando como desertor. São coisas completamente diferentes...

Mais uma vez coloco-me contra o autor de *Massapê em Foco*, por sua parcimoniosidade. Se “seu” vigário quer ser “livre”, que deixe a batina, abandone o sacerdócio, ou faça como o Antônio Tomás: vigário e aventureiro, príncipe e poeta. Em se tratando de um artista, um poeta, a coisa muda muito. O poeta é rei da criação e de si mesmo. É santo e vilão. Ao poeta tudo é permitido. E já que estamos na área do pensamento, voltemos aos artistas da terra, referenciados pelo autor: Wilson Aguiar, na comédia do áudio e do vídeo; Benedita Ribeiro, a nossa Ângela Maria, hoje casada, outrora integrante do *cast* das emissoras Sobral-Massapê, agora cantando cantigas de ninar para seus filhos; os oradores Francisco Frederico (Chico Frederico) e Raimundo Viana; os poetas populares Chico Lira, Alci Carneiro, Custódio Pontes, Francisco Carvalho, Geraldo Magalhães, Irineu Eleutério e Aluísio Bezerra, que não tive a felicidade de conhecer, Abdias Lima e o nosso queridíssimo Milton Dias, o poeta das noites desertas...

Osvaldo de Aguiar levou uma vida de poeta. E somente a poesia lhe dava prazer. Nesse ponto afinava com Jáder de Carvalho, pensava exatamente como o gigante de *Terra Bárbara* que, num depoimento impressionante na orelha do primeiro volume de suas obras completas, editado pela Imprensa Universitária da U. F. C., declarou que só duas coisas lhe davam prazer na vida: seus poemas e a Cátedra. E nisso não vai nenhuma surpresa para nós que o conhecemos de perto. Do mesmo pensamento comungava Osvaldo de Aguiar. Os altos cargos que ocupou não tinham grande importância para ele, mas as letras, o convívio com seus amigos, sim, isso valia muito. O

último bilhete que recebi de Osvaldo de Aguiar é bem uma prova de seu amor pela arte e pelas coisas belas que lhe tocavam o espírito:

“Caro Alcides Pinto:

Trouxe-me o correio o seu bilhete, acompanhado da fotografia de um Judas de capim.

Não consegui localizar o trecho da cidade, em que aparece enforcado o torvo traidor. Não sei se fica no Alto-do-Bode ou na Baixa-da-Égua... Apenas me foi possível identificar a figura simulada do Escariote, que não é outro senão o Chico Viana, vate zarolho, omitido na coletânea histórica.

Notei-lhe a ausência, quinta-feira, no *coquetel* em minha casa.

A par de *comes e bebes*, houve um programa artístico puxado a sanfona, bandolim, violão, cantos e declamações variadas. Cancelei um número de balé, dado o adiamento da hora.

O seu artigo sobre *Massapé em Foco* repercutiu bem nesta capital e na zona Norte. Bastas vezes, recebi telefonemas e interpelações pessoais em torno do assunto. Penso que o ruidoso sucesso repousa, sobretudo, na sua corajosa relação dos *furos* eclesiásticos...”

O bilhete é datado de 8.11.1969. Tenho uma variedade enorme de poemas, de modinhas, de anedotas, de quadros e bilhetes em minha gaveta, mas não há espaço nesta publicação para divulgá-los. Por enquanto o leitor há de se contentar com esta quadra, feita de improviso, segundo testemunho de Cândido Machado, quando da última visita que Osvaldo de Aguiar fez a Massapé:

Não gosto de apreciar
o vestido destas primas:
são curtos demais em baixo
e baixo demais em cima.

Foi este o Osvaldo de Aguiar que todos nós conhecemos, andando pela Praça do Ferreira, as calças frouxas como sacos, carregando uma pasta enorme, recheada de papéis, conversando muito agitado sobre coisas do passado, sempre alegre, risonho — um homem perdido no mundo e no amontoado de suas idéias, um homem diferente dos outros, com muitas coisas na cabeça a fazer, muitos planos, e que a morte, um dia, resolveu por fim a tudo.

FRANCISCO CAVALCANTI ROCHA

Francisco Cavalcanti Rocha é outra grande figura que não poderia ficar ausente deste comentário. Este é um esteta da poesia, para não dizer da linguagem poética. Era um êmulo de padre Antônio Tomás. Figura aqui como poeta popular porque, em verdade, escreveu também composições que se enquadram nesta classificação, tanto é que o que dele dispomos foi dado de memória, pois muitos poetas não desapareceram totalmente em razão da memória prodigiosa do povo, mas este não parece ter sido bem o caso de Francisco Cavalcanti Rocha, pois é sabido que seus familiares conservam de tão primoroso bardo todo um livro de poemas inéditos. Por que não divulgam, não se sabe ao certo. Tal indagação foge ao objetivo de nossa meta, mas “fugir”, aqui, tem o sentido de uma advertência necessária, senão um apelo veemente à família do poeta. Ela tem um dever a cumprir com as letras cearenses, senão com a poesia brasileira — um compromisso muito sério —, o de divulgar a obra inédita desse vate inspirado. Do que dispomos, oferecemos aos nossos leitores cintilante amostra, digna de Bilac e Alberto de Oliveira, e que dá bem uma idéia da sensibilidade do poeta. São apenas duas quadras e dois sonetos, nos quais se nota a disparidade de seu temperamento, ora brando e suave, ora tempestuoso e revoltoso:

Eu tenho fome, querida:
além de fome, desgosto;
dá-me, pois, como comida
as cerejas de teu rosto.

A segunda quadra é como se fosse escrita por uma criança. E é nisso que reside a grandeza do poeta. Em versos aparentemente simples, ressalta uma linguagem poética perfeita:

Cabelinho macio e muito brando
não forma na cabeça um caracol:
loirinho como o milho pendoando,
doirado como a flor do girassol.

Considero o soneto que se segue uma obra-prima, digna de figurar nas melhores antologias. Mas o outro não lhe fica aquém. No primeiro está expresso o estado d'alma místico do poeta; no segundo, o temperamento revoltoso de que já falamos acima.

NASCIMENTO DE JESUS

Meia-noite, no céu estrelas prateadas
brilham, como rebrilha a fulgurante astréia.
Branças nuvens formam alvíssimas manadas
e galopam pelo azul da mística Judéia.

A terra, a planta, a flor dormitam sossegadas,
das aves não se ouve a doce melopéia.
Ouvem-se magos sons de trombetas sagradas,
lindas como o florir de promissora idéia.

Na gruta de Belém, na pobre manjedoura,
onde mal penetra o sol que o cimo doura,
vê-se um lindo clarão de mágico esplendor.

Era que, cumprindo as velhas profecias,
nascera finalmente o bíblico Messias,
o Deus que se fez carne, o Verbo feito amor.

RESSACA...

Em tempo de ressaca, o velho mar
torna-se furibundo, enraivecido,
e, como se tivesse endoidecido,
contra os rochedos quer se espedaçar.

De quando em vez se ouve o marulhar
de irada vaga que, de colo erguido,
desprende infernalíssimo rugido,
parecendo canhões a ribombar.

Também no coração da humana gente
costumam crepitar sanhudamente
as furibundas vagas da aflição

que, juntas, perfazendo enorme bando,
com ímpeto feral vão se quebrando
de encontro aos paredões do coração.

Francisco Cavalcanti Rocha morou muito tempo em Massapé e aí trabalhou numa firma comercial como guarda-livros. Desentendeu-se um dia com o patrão e deixou a firma. Não se submeteu aos caprichos do chefe, que queria que ele fizesse um novo lançamento no livro de *Entrada e Saída*, que já havia feito.

Mas foi naquela gleba que Francisco Cavalcanti Rocha escreveu seus melhores poemas. Tinha por hábito escrever versos para seus filhos — sonetos e quadras. Os filhos eram-lhe, sobretudo, fonte de inspiração. Por enquanto, o grande divulgador das poesias de Francisco Cavalcanti Rocha é seu conterrâneo Dr. Pontes Neto, grande amigo do poeta àquela época, que não vai tão longe assim, pois o poeta morreu em 1936, com apenas 36 anos de idade.

Outro grande conhecedor de sua obra foi Custódio Pontes, vate popular, recentemente falecido. Testemunhou os improvisos do poeta e participou de sua vida social — e muito pouco social era o poeta —, homem pobre, honesto, metido com sua vida e sem universo de sonhos. Segundo Custódio Pontes, eram bem diferentes os irmãos Rocha: o professor Mariano — talentoso filólogo, que todos nós conhecemos, mestre dos mestres do Vernáculo; Francisco Cavalcanti Rocha, o poeta do qual falamos, homem íntegro, equilibrado, cujo valor como poeta e homem de letras é inegável; Pe. Pedro Cavalcanti Rocha, missionário lazarista, orador sacro de renome, e Moisés Cavalcanti Rocha, uma figura excêntrica e não menos inteligente.

De nosso poeta Francisco Cavalcanti Rocha, narra Custódio Pontes fatos os mais interessantes e até pitorescos. Aos 13 anos de idade, no seminário, se apaixonara por uma freira e, por mais estranho que pareça, a noviça havia correspondido aos sentimentos do cupido adolescente. Sabemos, também, por intermédio de pessoas de sua família, que, embora não tendo terminado os estudos de Direito, o poeta exercia a advocacia, como era costume dos homens inteligentes daquele tempo. Não perdia uma causa e tinha sonhos os mais estranhos — visões que lhe antecipavam o êxito de suas defesas.

Na família de Mariano Cavalcanti Rocha, o Patriarca da estirpe, homem influente na política, casado duas vezes, possuidor de numerosa prole, ao todo vinte e seis filhos — vinte do primeiro matrimônio e seis do segundo, havia, tanto da primeira safra como da segunda, rebentos importantes e que se destacaram em vários ramos do conhecimento humano, como pe. Pedro, por exemplo, teólogo de reconhecido valor e de sentimentos nobres. No dia de suaagração pediu ao pai que desse alforria aos escravos que se encontravam em seu poder. Era um pedido que fazia no dia mais importante de sua vida, e este não podia deixar de ser atendido. E consta que o pedido foi aceito. Padre Pedro pertencia ao primeiro matrimônio. Agora, temos outra figura importante, irmão do poeta em análise, e que não poderia passar em branco — Alberto Magno da Rocha, jurista, pai do desembargador Eugênio Avelar Cavalcanti Rocha, professor de nossa Salamanca e figura por demais conhecida e de projeção em nosso meio cultural. Como se vê, nosso poeta pertencia a uma estirpe de homens de pensamento e, não seria estranho, portanto, que fosse

portador de uma inteligência fora do comum. Do professor Mariano Rocha sabemos uma passagem de sua vida que deixou o bispo de Sobral, Dom José Tupinambá da Frota, extasiado. Contava apenas Mariano Rocha 11 anos de idade quando pronunciou um discurso em latim, o que fez Pe. Rocha levá-lo em companhia do irmão, Francisco Cavalcanti Rocha, para estudar no Seminário.

Mas existiu também um irmão do poeta que quebrou a linhagem tradicional e episcopal da estirpe dos Rochas. Trata-se de Moisés Cavalcante Rocha — uma figura singular e que ficou no anedotário da cidade de Massapê, como ficaram o poeta Francisco Lira Cavalcanti e tantos outros tipos populares. O fato de se tratar de uma figura singular ou excêntrica, lembre-se em tempo, não lhe rouba o mérito de cidadão, pelo contrário, Moisés era um homem tão íntegro como qualquer de seus irmãos, apenas possuidor de um aspecto que o diferenciava dos demais, pelo seu espírito dado ao sarcasmo e à sátira. Esse aspecto é próprio das pessoas inteligentes e liberadas em seus princípios morais e normas de vida. E Moisés era Moisés como Pedro é Pedro e Paulo é Paulo. Moisés era o decantado autor de *Pederastia Entre as Nuvens*, poema, romance, conto, discurso? (provavelmente o último), pois jamais se conheceu o texto do trabalho, só ficou o título, pois os tempos, aqueles, eram de muita boemia e muita sátira também. E Moisés era, dos pés à cabeça, um homem dado às composições fesceninas. Trazia no bolso do paletó o Batistério. No dia de seu aniversário, foi-lhe oferecido um almoço pelos rapazes da cidade de Massapê. Armaram um banquete ao ar livre, entre o bar da esquina e a avenida da praça principal. Alguém ergueu-se ao meio do banquete — alguém do Parnaso —, arrancou um papel higiênico do bolso traseiro e recitou:

Um caso sensacional
que bem merece grau 10:
entre músicas e foguetes
entera anos Moisés.

Depois foi a vez do orador que, imponente e apolíneo, fez a saudação ao aniversariante, porém não foi feliz em sua alocução, pois acabou fazendo alusão à idade do homenageado — 46 anos —, o bastante para tumultuar o ambiente e acabar em meio o banquete. Moisés arrancou do bolso do paletó o Batistério e protestou veementemente. “O menino Moisés, nascido na Fazenda Andorinha etc.”. A data era bem mais recente. Necessário se fazia, pois, reparar o agravo. Momentos depois, cercado de donzelas na avenida, recebeu Moisés uma caixa dourada com um belo laço de fita. Tudo indicava tratar-se de um presente de um corte, costume da época. Mas, ao despre-

gar o invólucro, um pombo tatalou-lhe as asas no rosto e voou desorientado espanando-lhe a vasta cabeleira...

Massapê, que teve em épocas passadas, tantas gerações ilustres, orgulha-se em sua memória de possuir alguns rebentos que honram a tradição da terra — quase todos representantes da nova geração: Abdias Lima, Francisco Robério Mendes Carneiro, os irmãos Machados, os Albuquerque, os Arrudas, os Vasconcelos, os Magalhães, os Liras e tantos outros... E, dentre estes, Pontes Neto, o poeta do bisturi, e Milton Dias, o boêmio das noites desertas, enluaradas...

Desempenhou Francisco Cavalcanti Rocha durante sua curta vida cargos os mais humildes, como o de simples guarda-livros para, enfim, galgar postos dignos de seu conhecimento e de sua sensibilidade, como o de professor, que exerceu em todos os colégios de Sobral, e o de advogado itinerante, sem escritório próprio e clientela certa. É este, em curtas linhas, um relato apressado de alguns dos rebentos deste homem extraordinário que foi Mariano Cavalcanti Rocha, pai de nosso poeta.

CHICO LIRA

Francisco Lira Cavalcante era este seu nome completo. Conhecido do vulgo e de todo mundo por Chico Lira, o Poeta. Era filho de José Sebastião de Lira e Teresa Vasconcelos Lira. Nasceu em Massapê a 5.12.1911. Autodidata. Em seu Certificado de Reservista de 3.^a Categoria, expedido pela 10.^a R. M., 25.^a C. R., no Ceará, o item "Profissões sucessivas" está em branco, como era natural que estivesse, pois Chico Lira não exerceu profissão alguma, sem jamais ter deixado de exercer todas as profissões, pois foi auxiliar de padeiro, mestre de cozinha, auxiliar de escritório, caixeiro-viajante, guarda-livros, orador político, escrivão de cartório, escrivão de polícia, poeta, boêmio e vagabundo. Nunca Chico Lira durou no emprego mais de uma semana. Pelo Certificado de Reservista, datado de 9.5.1947, ficamos sabendo de tudo aquilo que já sabíamos, isto é, que o poeta era de cor branca, possuía cabelos castanhos, olhos também; de 1,60 de altura, nariz reto, rosto oval, boca mediana, com dois sinais particulares no rosto, um na testa e o outro sobre o lábio superior. Aí está a ficha completa do poeta — a ficha oficial — porque a individual nem mesmo um computador seria capaz de processar os dados estatísticos dos caracteres de seu comportamento.

Outro documento curioso é o Título de Eleitor, do Estado do Ceará, naturalmente, com o número de inscrição 342, do Cartório da 23.^a Zona, datado de 22.3.1933. Aqui o poeta aparece com a data de nascimento alterada para 6.2.1912, e com a profissão de Comerciante (coisa estranha!). Deve ter sido mais uma de suas piadas, pois o Lira jamais possuiu um emprego certo, imaginem uma casa comer-

cial. Quem vestia e calçava o Lira eram seus amigos Pontes Neto, Alci Carneiro, Ubiratan Vasconcelos, José Carneiro de Araújo e outros. A parte do cartão reservada ao polegar direito (forma dactiloscópica) está imaculada, o dedo do poeta jamais pousou ali e, à margem esquerda, ao que parece, foi pespegado o retrato do poeta, pois há vestígio do carimbo com um detalhe do jamegão do juiz José Jayme de Oliveira Praxedes, tudo indicando que o poeta o arrancara para oferecer a alguma Diana. No verso do Título, onde se lê: "Exercício do voto", somente na primeira linha aparece a indicação de seu comparecimento às urnas, datado de 1933. Aí estão as características formais de um homem perdido no tempo e no espaço, um grande homem, por sinal.

Mas que temos nós de positivo sobre a vida e a produção literária do poeta? Muita coisa que daria para preencher um grosso livro, e quase nada que poderia ir além dessas notas. E isso é fácil de se explicar pela própria natureza dispersiva do poeta e o descaso de seus familiares. Lira pertencia a uma família muito pobre. Seus pais viviam quase de esmola, e era natural que, com a morte do poeta, as coisas tomassem um rumo diferente. Ser poeta para a família de Chico Lira — Sebastião e Teresa, pais do poeta — era sinônimo de vagabundo. E, no caso, estavam cercados de razão, pois o filho não dera outro exemplo.

Lira era desordenado dos pés à cabeça e, por falar em cabeça, só penteava os cabelos quando lhe emprestavam um pente e só fazia versos de improviso, mesmo que se tratasse de um poema longo, como o célebre poema "A Deusa de Jericoacoara" (1), considerado a sua obra-prima. Lira o recitava para os amigos, aos pedaços, e nem sempre era o mesmo calígrafo que anotava a composição. A um recitava um trecho, a outro uma parte, de sorte que era necessário uma equipe de coletores para a efetivação do poema. Por fim, dado esse processo itinerante de redação, sem continuidade, o poema acabava por se tornar confuso e contraditório. Mas na cabeça do poeta as idéias eram assim mesmo e no fim tudo dava certo. Eram versos escritos para os amigos, salvo aqueles que lhe tocavam de perto, como os dedicados, por exemplo, à sua musa predileta, Maria de Lourdes, a Deusa de Jericoacoara, seu único amor, por muitos julgado platônico. Maria de Lourdes morava em Jericoacoara, e a quem o poeta foi apresentado na estação de Camocim. Mesmo de lampejo, foi uma paixão sem freios, duradoura, eterna, e que o poeta levou consigo para o túmulo.

Chico Lira foi a inteligência mais viva, mais brilhante, mais lúcida que o Ceará já deu. Não era um grande poeta, um grande

(1) Encravado na zona do litoral, é o mais setentrional dos municípios cearenses. A ponta de Jericoacoara, que se projeta na sua costa aos 2°46'48" de latitude sul e 40°29'18" de longitude W. Gr., assinala o extremo-norte do Estado.

escritor, um grande tribuno, era tudo a um só tempo, sem ter condições para sê-lo, pois jamais freqüentou uma escola, nem mesmo primária. Falava bem por ouvir os homens grandes falar, e aprendeu a ler e a escrever nos retalhos de jornais apanhados das sarjetas. Seu anedotário é muito grande e bastante rico para Chico Lira que era muito pobre e bastante pequeno, e apresentá-lo aqui implicaria numa pesquisa mais demorada que não poderíamos fazer. Por infelicidade ou destinação do poeta, duas reportagens que lhe dediquei, por ocasião de sua morte, desapareceram de meu arquivo e não foram encontradas nem mesmo com seus familiares ou os amigos mais íntimos, como se as coisas a ele destinadas fizessem parte também de sua filosofia de vida, que era a completa inutilidade de tudo — uma filosofia pessimista e desbaratada, em que nada fazia sentido.

O que temos em mão não dá a menor idéia da grandeza e da sensibilidade do poeta, de seu talento criador e de sua verve incomparável. Apenas alguns versos de “A Deusa de Jericoacoara”, um soneto dedicado a um conterrâneo e amigo de infância, pe. Otalício Carneiro de Vasconcelos, endereçado ao redator de *O Nordeste*, em Fortaleza, e que jamais saiu do fundo de um velho cesto, a um canto da alcova da casa do poeta, onde foram encontrados, também, outros versos e documentos, servindo de forro ao ninho das galinhas. Ali as galinhas punham seus ovos. E é possível que tirassem também suas ninhadas, pois os documentos — o Certificado de Reservista, o Título de Eleitor, o soneto dedicado ao pe. Otalício e um cartão pessoal e muito estranho de um político influente da terra — encontravam-se cobertos de excrementos. Eis o soneto tal como foi encontrado, com seus visíveis erros de métrica, tudo indicando se tratar de seus primeiros versos:

FALA BATINA

Ao Revmo. Pe. Otalício Carneiro

Sotaina negra, quem em ti resiste
As paixões cegas do mundo falaz.
Dentro de ti quem à humanidade assiste
E diassistência de Deus, se diz, capaz?

Quem com renúncia ao mundo se compraz
Sem um instante revelar-se triste,
Juntando a fé, ao amor e à paz.
Restrito a tudo, que em Deus consiste?

É um moço a quem Deus fez o favor,
De confiar-lhe o plano Redentor
Lançando a terra, através da Cruz.

E deste modo encorporou-se à Grei
Na gloriosa missão do "Agnus Dei"
Transparecendo a imagem de Jesus.

Massapê, 24.2.49

Houve um tempo em que o Lira andou apaixonado por todas as mulheres do lugar. Apresentado a uma moça de Mumbaba, lugarejo próximo à cidade de Massapê, ainda com a mão da donzela presa a sua, foi logo lhe dizendo ao ouvido:

Eu vou dizer pra você
que nosso amor não se acaba:
eu vou deixar Massapê
e vou morar no Mumbaba.

Inquieto, nervoso, passando a mão pelos cabelos a todo instante, cuspidando nos pés, todos os fatos, todos os acontecimentos da cidade, por mais banais que fossem, ganhavam forma e conteúdo na imaginação do poeta. Disseram-lhe, por brincadeira, que Irineu Eleutério estava muito preocupado com a seca, por causa de seu gado. Ora, Irineu, como Lira, era um poeta, e jamais possuiu uma cabra. E isso foi o bastante para que ele improvisasse esta quadra:

Da seca fez-se o enterro
graças a Deus já choveu:
tem muito sapo-bezerro
na fazenda do Irineu.

Em 1937 apareceu em Massapê um folhetim intitulado *A Nova Constituição* (Perícias do Presidente Getúlio Vargas) assinado por Francisco Lira Cavalcanti. Fora impresso em Fortaleza, na Tipografia Rocha, e se constituía, evidentemente, a primeira e única publicação do poeta em letra de forma. Quem teria lhe custeado a edição? E como em Chico Lira tudo era desbaratado e sem lógica aparente, o magro folhetim, contendo apenas oito páginas, tinha como final da história a seguinte observação: "Continua no próximo número." Transcrevemos a título de curiosidade algumas passagens da publicação, a começar pelos versos iniciais:

Leitor amigo esta história
Se ocupa de nosso país
Para deixar à memória
De um governo que quis
Instituir nossa glória
Fazendo um Brasil feliz.

Este governo singular
Tem provado um heroísmo
E é quem vai ensinar
Cumprir-se patriotismo
E no Brasil implantar
Inteiro nacionalismo.

A idéia de nacionalismo já se fazia sentir no coração do poeta, para quem jamais se atribuía ideal político algum, dado seu espírito afeito à boemia. Pelo contrário, Lira era um homem bem informado e ligado com os acontecimentos do povo. Não perdia o noticiário das emissoras de Sobral e era patente seu interesse na defesa dos miseráveis:

Mas Getúlio vai fazer
Um Brasil organizado
O homem vai reaver
O seu direito negado
Tudo isto que se ver
Vai ficar aniquilado..

O lado sério da vida era de imediato substituído pelo jocoso, e vejamos como se referia ao enterro de uma de suas namoradas:

Foi sepultado nosso amor de outrora
Quando mais eu pensava perdurar
Cujo enterro se deu em triste hora
Acompanhado pelo Valdemar.

Ainda no mesmo sentido brincalhão, ia satirizando os amigos, mas nem todos lhe compreendiam o espírito trocista e, de vez em quando, arranjava uma intriga:

Quando eu pintava os canecos,
A venta do Raimundo Neco
Arrebentei com esta mão,
E depois quebrei até
Os queixos do Franciné
Com um cabo de facão.

Mas nem tudo era alegria na vida do poeta, paixão, ou coisa que o valha. Havia também momentos de reflexão — profundos momentos que emergem do ser humano e fazem com que as coisas banais da vida sejam postas de lado, porque algo mais sério ocupa seu lugar e impõe inelutavelmente sua presença. E o que mais lamentamos neste trabalho é não poder apresentar por completo seu principal poema “A Deusa de Jericoacoara”, nem mesmo em parte podemos fazê-lo, a não ser o fragmento que se segue:

Conta a lenda haver uma princesa
Primor oculto da grande natureza
Que nas praias do Serrote se encantara.
Já que viestes com tão grande dote
Não é mais lendária a deusa do Serrote
Das lindas praias de Jericoacoara.

Este fragmento faz parte de sua obra-prima, o longo poema escrito e dedicado a Maria de Lourdes — A Deusa de Jericoacoara — seu grande e eterno amor. Do sonho e da beleza dessa donzela, Lira viveu, sofreu e morreu. Morreu acidentado em Fortaleza, pela madrugada. Foi encontrado ao pé de uma grande árvore, na Rua Tristão Gonçalves, sem qualquer documento que pudesse identificá-lo. Os únicos versos que o poeta deixou feitos de improviso, copiados por Alci Carneiro, talvez seu maior amigo, definem bem a fé de que era possuidor, e antecipa-lhe, de certo modo, o fim de sua existência atribulada. Foram inspirados em N. S. de Fátima, que se encontra à entrada de Sobral, em seu arco luminoso e triunfante:

Eu vos contemplo Senhora
Vendo a vossa imagem agora
Neste monumento erguida
Obra artística tal e qual
Ao rochedo original
Onde fostes aparecida.

Do cimo deste Serrote
Eu vos peço que me bote
As bênçãos de mãe querida
E o vosso colo materno
Para meu repouso eterno
Quando partir desta vida.

E a Virgem de Lourdes — que por triste ou feliz ironia do destino, trazia o sobrenome de sua amada — deve ter amparado em seu colo

imaculado a cabeça do poeta na hora brusca de sua agonia, como era seu desejo.

Lira há muitos dias vagava pelas ruas de Fortaleza, bebendo sem parar, recitando para si mesmo seu poema predileto — “A Deusa de Jericoacoara”. Levaram-lhe o corpo para a casa da irmã, Ritoca, a um quarteirão do cemitério de São João Batista. Trajaram-lhe o hábito de São Francisco. Sua barba estava crescida. Dava o aspecto de um monge.

CUSTÓDIO PONTES

Custódio Pontes era outro tipo popular da cidade de Massapê, morto recentemente — um tipo muito diferente do Lira e Moisés Rocha. Custódio teve a infelicidade de acreditar no dinheiro — era um homem bem situado, economicamente, com uma propriedade rural que lhe dava boa renda, além de seu negócio de tecidos na praça daquela cidade. E acreditar excessivamente no dinheiro e zelar por sua fortuna foi um mal muito grande para o poeta, para o qual não encontrou remédio. Nesse particular, Chico Lira e Moisés Rocha levaram grande vantagem quanto ao seu patrício. A vida é feita de momentos — e de momentos curtos — e não adianta pensar no dia de amanhã porque, como diz a própria Bíblia, a “cada dia basta o seu cuidado”.

Mas Custódio Pontes era bom em sua natureza e em seus princípios morais. Solidário com os amigos e dado às anedotas e às composições fesceninas. Era um homem sem qualquer vaidade, porque se preocupava tanto com o dinheiro, nem ele próprio sabia explicar e, como tínhamos grande amizade e confiança, eu lhe dissera muitas vezes: “Homem, deixe disso; se cuide, se divirta, se embriague.” E Custódio saía-me com esta: “Você nasceu doído. É como o Chico Lira.”

A participação do poeta Custódio Pontes na vida social de Massapê foi de primordial importância. Depois da morte de Chico Lira coube ao Custódio assumir-lhe o posto. Era agora o principal responsável pelo Convite do Chitão — e o “Cunvite do Chitão”, em Massapê, é um negócio muito sério. É preciso ser poeta popular, sertanejo, para acertar nas rimas matutas. E Custódio não se fazia de rogado. Em 1958 o Chitão Massapeense comemorava suas bodas de prata, e trazia em seu “cunvite”, uma homenagem ao iniciador daquela festa popular — deputado Francisco Vasconcelos de Arruda. E o “cunvite” estava assim redigido, não se podendo confirmar se se tratava ou não da autoria exclusiva de Custódio Pontes, pois ele jamais assinou o que escrevera. Achava Custódio que ninguém em Massapê tinha o direito de se eleger poeta, numa terra em que havia pisado um gênio da categoria de Francisco Lira Cavalcanti, o Chico

Lira. E nesse particular Custódio Pontes estava com toda a razão.
Mas vamos aos versos juninos:

Meus Póvos e Minhas Póvas
Da serra, prala, sertão,
Quero cunvidá a todos
Sem havê trapaiação
Móde vir no dia cinco
Festejá o Meu Son João.

Já faz vinte e cinco ano
Co chitão é festejado
Mais êxe ano é mió
Qui todos ano paçado
Apois a cumiduria
Dêxa o pôvo impazinado.

Lá vai tê bolo de púba
Canjica mio aluá
A rapadura cum côco
Tapioca e muncunzá
Bejú chotão móde o povo
Cumê inté arrotá.

Isto inda num é nada
A quadria e rapa pé
Vai vê a cara do sol
Se Deus e Son João quizé
Um Chóte dimenhazinha
Vai sê o nosso café.

O forrozim êxe ano
Vai sê mermo incapetado
O Cento Maçapeenso
Vai tarzê o deputado
Qui inventô o chitão
Pa sê imenagiádo.

Mode dá mió respeito
E num tê cumpricação
Quero pidi móde vire
Bem tarzado de chitão
Tarzendo a casta no bolso
Móde dá na causião.

Sertos de vê toda gente
Cá fãmia no chitão
Ficamos agardicido
Cá no nóço coração
Cinco di Julio di noiti
Vamo isperá no postão.

A diretoria era composta de Dr. Aurimar Pontes, Francisco Robério Mendes Carneiro, José Nilson Pontes, Valter Alves Vasconcelos, Gerardo Cosme Magalhães, Ofir Azevedo Vasconcelos, Cândido Machado da Ponte, Edvar Albuquerque e José Custódio Pontes.

Custódio Pontes viveu uma época muito boa, de muita alegria, muita agitação política e de grandes realizações também, aos tempos do cel. João Pontes, falecido em 8.10.1940, em consequência de desastre automobilístico, e alguns momentos tristes também, quando, aos 26.12.1945, era assassinado ao meio-dia, em plena praça de Massapê, Luís Pontes Cunha, outra figura extraordinária, ídolo do povo, e que deixou a população da cidade revoltada. Ainda hoje os nomes do cel. João Pontes e Luís Cunha são lembrados e venerados pela população daquele município e por todos os seus amigos com as honrarias de um chefe de Estado.

Passados alguns anos, Massapê voltou com uma geração diferente, saída do espanto, do medo dos caudilhos políticos. É a chamada geração eclesiástica, representada pelos sacerdotes Otalício Carneiro de Vasconcelos, Moésio Nogueira Borges, João Soares Frota e uma seara de piedosas freiras.

E mais ou menos por essa época apareceu uma figura jovem, de espírito jovem, de idéias jovens, e de vocação inclinada para os problemas da juventude — pe. José Ataíde Vasconcelos (coadjutor), que vinha dá uma mãozinha em sua cruzada evangelizadora ao Mons. Manuel Henrique, um sacerdote humilde, por certo uma alma de Deus, o pe. Néó, como é conhecido por todos.

Pe. Ataíde tomou conta da cidade. Instalou a Casa da Juventude Massapeense e, com o intuito de ministrar uma formação integral aos jovens, uma formação moral, intelectual, social e até física, realizava sessões e conferências, criou a *Voz de Massapê*, impresso nas tipografias de Sobral, e ostentando esta legenda heróica (*e que aparece nos grandes momentos*) a fim de dar maior incremento à prática dos esportes e à livre manifestação do pensamento. Era um tablóide bem redigido e bem programado, e Custódio Pontes não se pôde furtar de lhe traçar o perfil com estes versos simples:

O caro padre Ataíde
Chegando a nossa cidade,
Fez um grande movimento
Em favor da mocidade.

Procura afastar os jovens
De tudo quanto é ruim
Não os quer freqüentando bares
Nem tampouco botequim.

Para as suas diversões
Tem os jogos de salão:
Pingue-pongue, dama, ludo,
Xadrez, víspera e gamão.

Temos a biblioteca,
Para a leitura sadia
E também uma eletrola
Para tocar noite e dia.

Esta é uma pequena mostra da lira popular de Custódio Pontes, que não ficava só nisso — nos versos matutos, caipiras. Escrevia também sonetos e quadras de alto nível, e os célebres acrósticos, tão ao gosto da época. Suas composições, como as de Chico Lira, são guardadas na memória do povo.

FORMAS DE COMUNICAÇÃO POPULAR

Há muitas formas de comunicação popular que são verdadeiras obras-primas, escritas, a maioria delas, por poetas anônimos — poetas do povo — como é o caso das que se seguem, pois nos parece que este trabalho estaria incompleto sem a citação destas. Começemos por estes versos esdrúxulos, sem lógica alguma e ao mesmo tempo portadores de todas as lógicas, se levarmos em consideração a intenção de seus autores, pois a lógica é muito relativa, ou mesmo não existe, em se tratando da poesia ou outra qualquer manifestação artística. O que conta, na realidade, é à intenção do criador, o propósito a que a coisa se propõe. Esses dois cantadores, em seu desafio, nos oferecem um tipo de comunicação peculiar da lira sertaneja dos mais surpreendentes. Diz o primeiro:

Vou partir pro Ceará
Vou prá terra do poema,
Vou casar com Iracema
Vou ser genro de Alencar.

E a resposta não se fez esperar. Veio, como vulgarmente se diz, em cima das buchas, no queimar das espoletas:

Eu também vou me casar
com uma moça lá da China
que nasceu na Palestina
fronteira do Paraná!

Os exemplos são tantos, e não pudemos nos furtar de transcrever algumas passagens, já bem conhecidas do público. Vejamos estas quadras cujos autores ainda se conservam em completo anonimato:

Quando pego na viola
corro do bordão à prima.
Quando encontro um cantador
Vejo logo se tem rima,
cavalo bom e mulher
só presta com homem em cima.

Eu fui lá não sei aonde
visitar não sei a quem,
voltei assim não sei como
morrendo não sei por quem.

Do livro do escritor Raimundo Nonato, *Lampião em Mossoró*, extraímos da parte de um folhetim de feira esta passagem também de autor desconhecido, verdadeira obra-prima da literatura popular:

Morriam os raios solares
por cima dos matagais;
Lampião tinha apagado
as faíscas infernais,
deixando um cabra no pó
foi dizendo, em Mossoró
o diabo é quem volta mais.

Há também na literatura de cordel um fenômeno muito interessante e que, ao nosso ver, define o talento do artista, no caso, o repentista, o improvisador, o cantador de viola. É o problema do *Mote*. E vejamos a riqueza de expressão, de recursos plásticos, visuais, empregados por este repentista. Trata-se, não obstante, de um tema já bastante divulgado.

Toda moça janeira
tem um vergão na barriga. (Mote)

Quando ela é namoradeira,
não se senta e jamais cansa!
Não merece confiança
toda moça janeleira!

Mesmo que seja faceira,
branca, rica e educada,
inda assim é censurada
toda moça janeleira!

Passa em pé a vida inteira,
esperando, sem fadiga,
desce a meia, afrouxa a liga,
sofre fome, aguenta sede
de se esfregar na parede
tem um vergão na barriga.

São estas formas de comunicação, oriundas das fontes populares de nossa literatura, que hoje se perdem no anedotário folclórico dos folhetins de feira, cada vez mais raros, destruídos pela cultura de massa da sociedade de consumo, que consome a novidade do momento: a história de quadrinho, o *kitsch*, a fotonovela e os *shows* de televisão. A literatura oral, as lendas, os mitos do povo estão desaparecendo mais rápido que se pensa, e o único meio de salvá-los da fogueira é procurando documentá-los, antes que seja tarde demais, antes mesmo que só restem a lembrança, os vestígios de seu passado sem tradição e sem história na mente do povo.